

A fragilidade de Deus: Notas sobre um paradoxo paulino (1 Cor 1,25)

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

Faculdade de Teologia – Centro de Estudos Religiões e Culturas – UCP

A passagem de 1 Cor 1,25 tem despertado, tanto ao longo dos séculos, como no presente, o mesmo interminável assombro. O apóstolo afronta ali nada mais nada menos que o desconcertante tema da fragilidade de Deus. E fá-lo de uma maneira inesquecível. Conzelmann, por exemplo, vê na sonoridade epigramática deste v. 25 «uma regra intemporal da relação entre o divino e o humano»¹. E do mesmo modo Joseph Fitzmyer, que o considera uma máxima válida para todas as estações da fé². Gordon D. Fee escreve, por sua vez, que «difícilmente podemos conceber uma passagem mais importante – ou mais difícil – do que esta para a Igreja de hoje»³. E, de facto, é impossível não constatar que as dezassete palavras que compõem o

¹ Hans CONZELMANN, *Der erste Brief an die Korinther* (Göttingen: Vandenhoeck, 1969), 48.

² Cf. Joseph A. FITZMYER, *First Corinthians. A New Translation with Introduction and Commentary* (New Haven – London: Yale University Press, 2008), 161.

³ Gordon D. FEE, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1987), 77.

versículo, para lá do esplêndido ritmo do paralelismo que formam, mergulham o leitor num agitado oceano de perguntas.

Não faltam traduções que tentam, de alguma maneira, socorrer esta dificuldade, procurando atenuar o incómodo com elocuições e sintaxes rebuscadas. Penso, por exemplo, em língua portuguesa, na tradução mais antiga do Padre Matos Soares⁴ que diz: «porque (aquilo que os homens julgam ser) loucura de Deus é mais sábio do que os homens; e (aquilo que os homens julgam ser) fraqueza de Deus, é mais forte que os homens». Ou na mais recente Nova Bíblia dos Capuchinhos⁵ que propõe: «Portanto, o que é tido como loucura de Deus, é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus, é mais forte que os homens.» Repare-se como, em ambas, foge-se propositadamente de falar em «loucura de Deus» ou em «fraqueza de Deus» pelo recurso a um dispositivo moderador: «aquilo que os homens julgam ser», «o que é tido como». Deve-se dizer, contudo, que nem todos os tradutores contemporâneos da Primeira Carta aos Coríntios se deixam seduzir pelo escapismo. A tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil comemorativa dos quinhentos anos de evangelização⁶ apresenta, por exemplo, uma tradução próxima do original e sem requebros: «Pois o que é loucura de Deus é mais sábio que os homens e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.»

A verdade, porém, é que a literalidade de 1 Cor 1,25 levanta muitas e perturbadoras questões. Um dos comentários clássicos à passagem é de Teodoto de Ancira, um teólogo do século V, que resume assim o desassossego que São Paulo aqui provoca: «Mas como pode ser frágil o criador dos céus? Que fragilidade pode ser a daquele que com uma só palavra criou todas as coisas? O que é a fragilidade de Deus?»⁷ Mais adiante o próprio Teodoto avançará com esta resposta: Deus é frágil, porque «tomou sobre si a minha fragilidade, pondo termo às nossas fragilidades»⁸. Mas sempre que voltamos ao texto as perguntas permanecem.

⁴ Bíblia Sagrada. Traduzida da Vulgata e anotada pelo Padre Matos Soares (Lisboa: Paulinas, 1960).

⁵ Nova Bíblia dos Capuchinhos (Lisboa: Difusora Bíblica, 1998).

⁶ Bíblia Sagrada. Edição comemorativa dos quinhentos anos de evangelização do Brasil e dos cinquenta anos da Conferência Episcopal (São Paulo: Loyola, 2001).

⁷ TEODOTO DE ANCIRA, *Omílie cristologiche e mariane* (Roma: Città Nuova, 1992), 46.

⁸ TEODOTO DE ANCIRA, *Omílie cristologiche e mariane*, 46.

É possível isolar 1 Cor 1,25?

Evidentemente, o versículo 1,25 está articulado com o seu contexto textual. Ele integra uma primeira grande unidade literária que se estende pelos quatro capítulos iniciais (1,10-4,21) da Primeira Carta aos Coríntios. Um marcador da unidade dessa ampla exortação que abre a missiva é o verbo *parakalō* (exorto) que surge no início (1,10) e quase no fim da secção (4,16). Partindo daí, podemos dizer que o tom deste discurso, bem estruturado por sinal, reflete uma preocupação prática e pastoral, que certamente foi o que levou Paulo a escrever o conjunto da carta. Ora, esta grande unidade literária formada por 1,10-4,21 tem várias secções. E há um consenso em colocar a nossa passagem de 1 Cor 1,25 na segunda secção.

Depois de enfrentar, numa primeira etapa, os conflitos e divisões no interior da comunidade de Corinto, o apóstolo passa (de 1,18 até 3,23⁹) a desenvolver um outro tópico que o v. 18 sintetiza na perfeição: «A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus.» Os dois termos «*logos*» (linguagem) e «cruz», colocados em destaque, estão em relação evidente com a expressão final «força de Deus», do mesmo modo que «loucura» e «os que se perdem» também se interligam mutuamente. É, por isso, sobre «loucura» e «sabedoria», sobre «fraqueza» e «força» que Paulo irá falar.

Há que referir ainda que 1 Cor 1,25 integra uma subsecção formada por 1,18-25 que trata a loucura e a fraqueza da cruz como sabedoria e força de Deus. Num gesto perentório, o apóstolo aborda o escândalo do Messias crucificado. E introduz uma novidade decisiva no discurso: a cruz não é um absurdo, mas sim uma linguagem de rutura que reinaugura a revelação de Deus. A cruz lança por terra, como escreve Christophe Senft, os edifícios do conhecimento da verdade religiosa que vigoraram até Jesus (fossem pagãos ou judaicos).¹⁰ Podemos dizer que 1 Cor 1,25 é o remate com que Paulo fecha a argumentação desta subsecção. O versículo desenha

⁹ Sigo a divisão proposta por Conzelmann, que intitula esta secção de 1,18-3,23 como «O Evangelho e a sabedoria do mundo». Cf. Hans CONZELMANN, *Der erste Brief an die Korinther*, 39.

¹⁰ Cf. Christophe SENFT, *La première Épître de Saint-Paul aux Corinthiens* (Lausanne: Delachaux & Niestlé, 1979), 43.

efetivamente uma hipótese conclusiva para a discussão que Paulo manteve nos vv. 18-24 e que irá depois continuar nos sucessivos vv. 26-31. É nessa linha que se situa a afirmação de Maria Teresa Giordano: «O v. 25 funciona como síntese do desenvolvimento precedente, assinalando o primeiro *clímax* para a inteira argumentação teocristológica.»¹¹

Mas devemos reconhecer que, ao mesmo tempo, o v. 25 mantém um grau evidente de autonomia, em relação ao contexto, que tem sido sublinhado incessantemente pelos comentadores¹². É verdade que nele reverbera a linguagem paradoxal de toda a secção, mas levada agora a um vértice de intensidade tal que representa, só por si, uma etapa à parte.

Tradução e caracterização de 1 Cor 1,25

Uma vez que é possível olhar autonomamente para o versículo, arrisquemos então uma tradução que dê conta dos problemas que esse exercício coloca. Começando pela pesquisa lexical, uma surpresa que Paulo nos reserva é não utilizar nesta frase os conhecidos substantivos *mōria* (loucura) e *astheneia* (fragilidade), mas sim os adjetivos *mōron* (louco) e *asthenes* (frágil). E, na mesma linha, abandonar o lexema «mundo», bem como o binómio «judeus/gregos», introduzindo aqui uma categoria mais universal: os «seres humanos» (*antrōpōn*)¹³. Uma tradução literal deveria, portanto, permitir ler o seguinte: «Na verdade, *isto que é louco*¹⁴ em Deus tem mais sabedoria do que os seres humanos¹⁵, e *isto que é frágil* em Deus tem mais força do que os seres humanos.» Invertendo o uso negativo que ocorre nos versículos anteriores, os termos «sabedoria» e «força» revestem-se agora de um sentido positivo. A loucura e a fraqueza são relativas ao próprio

¹¹ Maria Teresa GIORDANO, *La parola della croce: l'itinerario paradossale della sapienza divina in 1 Cor 1,18-3,4* (Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2010), 116.

¹² Cf. Joseph A. FITZMYER, *First Corinthians. A New Translation with Introduction and Commentary*, 161.

¹³ O termo *antrōpos* é usado mais frequentemente na 1 Coríntios (30 ocorrências) do que em qualquer outra carta de Paulo.

¹⁴ A proposta de tradução que Richard B. Hays faz para inglês é que se use as expressões «the foolish thing» e «the weak thing». Cf. Richard B. HAYS, *First Corinthians*, 31.

¹⁵ «Seres humanos» (*human beings*) é a proposta de tradução literal que Fitzmyer faz. Cf. Joseph A. FITZMYER, *First Corinthians. A New Translation with Introduction and Commentary*, 161.

acontecimento da cruz, e reinterpretam o nosso conhecimento acerca da sabedoria e da força de Deus. A loucura e a fragilidade são o novo regime da teofania, uma nova gramática do divino a que é preciso atender. De facto, a obstinada focalização de Paulo na cruz está bem sugerida neste v. 25, mas de uma maneira que as traduções têm alguma dificuldade em transpor. Os termos «loucura» e «fragilidade» não são substantivos abstratos, mas adjetivos ancorados no concreto¹⁶. E, no atual contexto, é a humanidade inteira (e não já este ou aquele povo determinado) que está colocada perante a ação de Deus que se manifesta em Jesus Cristo crucificado.

Quanto à caracterização estilística, parece aceitável a tese de Collins¹⁷ que defende estarmos aqui perante o recurso à figura de litotes, que exprime retoricamente uma ideia pelo seu contrário, abrindo assim espaço a uma semântica de segundo grau. Dizendo a fragilidade de Deus, Paulo estará paradoxalmente a afirmar a sua força. Mas é importante perceber que, neste v. 25, não se trata simplesmente de um «tour de force» retórico a que Paulo recorre. Trata-se sim do sublinhar, como afirma Richard B. Hays, de «um ponto teológico fundamental»¹⁸ do evangelho de Paulo: o modo como a própria cruz, enquanto acontecimento salvífico onde Deus se revela, desconstrói as expectativas humanas.

A mensagem da cruz confunde tanto judeus como gregos, que esperam sinais credíveis de poder ou argumentos persuasivos de sabedoria. O Messias poderia ser simplesmente um «profeta poderoso em obras e palavras» (Lc 24,19) distribuindo provas sobrenaturais do favor de Deus. Ou, ao jeito dos helénicos, um sábio mestre das verdades filosóficas. O apóstolo, porém, nessa direção, nada tem para oferecer-lhes. Em vez disso, coloca-os simplesmente perante «o Messias crucificado» (1 Cor 1,23). Deus desconstrói assim o que pareciam ser expectativas e critérios estabelecidos em relação ao seu agir. E o seu Messias vai revelá-Lo ao inverso – um inverso que incessantemente nos desarma – quando morrer como um criminoso vencido pelo castigo da cruz.

¹⁶ Como recorda Wendland, «Paulo tem de facto diante dos olhos a cruz de Cristo». Heinz-Dietrich WENDLAND, *Le Lettere ai Corinti* (Brescia: Paideia, 1976), 52.

¹⁷ Cf. Raymond F. COLLINS, *First Corinthians* (Collegeville, Mn: The Liturgical Press, 1999), 108.

¹⁸ Richard B. HAYS, *First Corinthians* (Louisville, KY: John Knox Press, 1987), 30.

Porventura o convívio rotineiro com a linguagem de Paulo (mesmo tratando-se de uma linguagem tensa, transparente e excessiva, como a dele) fizeram com que o escândalo desta mensagem se tenha atenuado. Mas não o esqueçamos: proclamar um Messias crucificado é dar a ver o teatro do absurdo, é deslocar para os antípodas o quadro de convenções sobre Deus, é habitar o estremecimento e o desconcerto. Os ouvidos mediterrânicos que escutavam Paulo sabiam bem o que uma crucifixão significava. Todos a entendiam como uma punição extrema e macabra administrada pelos romanos como castigo exemplar infligido sobretudo a agitadores e rebeldes que colocassem em causa a *Pax Romana*. Era, portanto, uma forma pública de tortura e extermínio, para garantir, até pelo particular horror que inspirava, que ninguém ousaria desafiar os poderes estabelecidos. Esse impacto público é, por exemplo, descrito em Gal 3,1: «diante dos vossos olhos Jesus Cristo foi publicamente exibido como crucificado». Ora Paulo vem dizer em 1 Cor 1,25 que, precisamente na crucifixão de Jesus, Deus triunfa sobre todos estes poderes e sistemas do mundo. Que a exposição pública da tortura exemplar que ele sofreu expõe de forma lapidar, e ao contrário do que se pensava, o carácter paradoxal do agir de Deus. Como escreve Fitzmyer, «o que Deus revelou na Crucifixão do Messias contradiz diretamente o que os seres humanos consideram sabedoria e poder, e ao mesmo tempo leva a cumprimento o que a sabedoria e o poder humano nunca poderão cumprir»¹⁹.

Em que sentido se pode falar da fragilidade de Deus?

O tópico da fragilidade de Deus é, por muitas razões, um motivo delicado, para não dizer de todo inaudito. As reservas e atenuações que historicamente rodearam a receção do nosso versículo falam disso. Mas há uma dupla questão que se impõe quando se lê 1 Cor 1,25 com esse propósito: 1) Como é que Paulo chega a este arriscado tópico da fragilidade de Deus? 2) A fragilidade de Deus é realmente enfrentada por Paulo neste versículo ou ela tem uma aparição puramente instrumental no desenvolvimento

¹⁹ Joseph A. FITZMYER, *First Corinthians. A New Translation with Introduction and Commentary*, 161.

argumentativo de uma outra questão mais consonante com a teologia tradicional (a questão da potência de Deus, por exemplo)?

Em relação à primeira das interrogações há que reconhecer que Paulo não chega ao tema através da via bíblica. Quando, na revelação escriturística, surgem os vocábulos que descrevem «loucura» (Is 19,11; Sir 20,31; Sir 41,15) ou «fraqueza» (Sl 15,4; Sab 2,11) eles estão exclusivamente atribuídos a sujeitos humanos e jamais a Deus. A «loucura» é um traço dos ímpios; a “fraqueza” é vista como uma inutilidade e um déficit, nunca como um bem ou virtude. Onde vai então o apóstolo buscar fundamento para esta sua teologia da fragilidade divina? M. T. Giordano não hesita: «estamos aqui diante de um princípio elaborado pelo próprio Paulo»²⁰. E esta autora avança que o apóstolo terá chegado a ela através de um «raciocínio por inferência»: «em Cristo crucificado, a assunção das qualidades dos derrotados, bem como da loucura e da fraqueza tidas como absurdas pelos homens, resulta porém, enquanto expressão condensada do agir divino e contra todo o juízo humano de exclusão, na afirmação do projeto vencedor e da lógica vitoriosa do Pai, sabedoria e força insuperáveis»²¹. Terá sido, portanto, o próprio apóstolo, retirando consequências da modalidade de revelação instaurada pela cruz, a chegar ao tema da fragilidade de Deus. O tema tem assim uma dicção paulina inescusável.

Sobre a segunda questão – de ponderação mais complexa – há, porventura, que refletir o seguinte: o que vemos insinuado em 1 Cor 1,25 sobre a fragilidade de Deus perderia o seu impacto projetivo se a nossa preocupação fosse saber se Paulo está mesmo a dizer que Deus é louco e é fraco, afirmação inadmissível que não se pode deduzir em nenhum passo do pensamento paulino. Ela torna-se sim positivamente desafiadora quando acompanhamos o modo de raciocinar de Paulo que procura – e consegue – no recurso ao excesso imagético, à linguagem emocional e ao paradoxo, mais do que no tratamento lógico e sistemático do seu argumentário, um fortíssimo efeito persuasivo²². A esta luz, como é que Paulo comunica neste

²⁰ Maria Teresa GIORDANO, *La parola della croce: l'itinerario paradossale della sapienza divina* in 1 Cor 1,18-3,4, 116.

²¹ Maria Teresa GIORDANO, *La parola della croce: l'itinerario paradossale della sapienza divina* in 1 Cor 1,18-3,4, 118.

²² Cf. Antonio PITTA, *Il paradosso della Croce. Saggi di teologia paulina* (Casale Monferrato: Piemme, 1998), 412.

v. 25? Se observarmos bem, com os adjetivos *mōron* e *asthenes*, o apóstolo não está apenas a denunciar o juízo equivocado do mundo que, baseado na própria e limitada experiência, avalia Deus insuficientemente. Paulo está antes a testemunhar um ardente paradoxo, onde o louco e o frágil são, de facto, signos de uma inaudita realidade. O acontecimento do crucificado relança a revelação de Deus em novos moldes. O itinerário da procura humana de Deus tem agora em Cristo crucificado, e no que Ele significa, o seu critério definitivo. Quer dizer, a assunção da fragilidade por parte de Deus, no mistério pascal de Jesus Cristo, torna-se o paradigma para todo o percurso humano de sabedoria. Por isso não tememos a aberração semântica que, sem isso, representaria o declinar da fragilidade a propósito de Deus. O tópico da fragilidade ganha aqui, ao invés, um carácter programático e paradigmático. Pois, como explica Chantal Reynier, «se acreditar no crucificado contém sempre um aspeto de escândalo e loucura, a existência cristã é também ela marcada por este mesmo aspeto... a cruz tem uma função eclesial»²³.

Dê-se, por isso, razão a Richard B. Hays quando defende que este passo é um momento fundamental do pensamento de Paulo que põe em marcha uma verdadeira «conversão da imaginação»²⁴. Instalamo-nos com demasiada facilidade em representações de Deus que hipervalorizam a força e o poder, e a nossa fé como que fica capturada por essas trajetórias sonâmbulas. O tema da fragilidade de Deus, pelo contrário, sobressalta-nos, faz-nos arregalar os olhos, purifica-nos. E faz isso não só porque critica e desmantela radicalmente o quadro convencional dos valores dominantes (o que é o sucesso, o que é o fracasso; o que é próprio de Deus, o que só caracteriza o homem...), mas porque oferece uma nova hermenêutica para a abordagem do mundo e da existência.

²³ Chantal REYNIER, «La langage de la croix dans le corpus paulinien» in Association Catholique Française pour l'Étude de la Bible, Paul de Tarse (Paris: Cerf, 1996), 372.

²⁴ Richard B. HAYS, First Corinthians, 31.